

LIS VILAS BOAS

# ESTRELAS NASCENTES EXPLODEM NO SEU CAMINHO



Planeta minotauro

TRABALHO INTEGRADO PARA DIVULGAÇÃO, VENDAS E ATIVIDADES

LIS VILAS BOAS

ESTRELAS  
NASCENTES  
EXPLODEM NO  
SEU CAMINHO



 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Lis Vilas Boas, 2026  
Publicado mediante acordo com a Agência Magh  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Bianca Briones

*Revisão:* Letícia Nakamura e Thiago Bio

*Projeto gráfico, diagramação e ilustrações de miolo:* Marcela Badolatto

*Capa e ilustração:* Marina Banker

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Boas, Lis Vilas

Estrelas nascentes explodem no seu caminho / Lis Vilas Boas. – São Paulo :  
Planeta do Brasil, 2026.  
208 p. : il.

ISBN 978-85-422-4274-4

1. Ficção brasileira 2. Ficção científica I. Título

26-1457

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo  
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Av. Paulista, 854, 2ª andar – Bela Vista  
São Paulo – SP – CEP 01310-913  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

1.

## Peregrinar é preciso

SARAFINA

Os escritos da deusa ensinam a peregrinar seguindo uma estrela. Num universo insondável, com tantos corpos celestes quanto fios do destino, deve-se escolher uma estrela e persegui-la.

Eu não tinha escolhido uma estrela. Mal tinha coragem de observá-las, temendo seu julgamento. Na falta disso, estava correndo para o colo da minha avó. *Mamika* esbravejaria e me chamaria de cabeça-oca e invocaria todas as penitências da nossa colônia natal, mas ao final de tudo me diria como escolher a estrela certa para o meu problema.

Ao meu redor, a estação espacial zumbia agitada, um turbilhão contra a minha caminhada letárgica. O excesso de luzes e barulho me atordoava. Mesmo depois de tantos anos vivendo numa grande lua urbana, eu não tinha perdido o comportamento de mulher do deserto nascida e criada sob as constelações. Odiava lugares como aquele, paredes metálicas, ar artificial, cheiro de limpeza que ardia o nariz e o barulho que não me deixava ouvir meus pensamentos.

Talvez o tempo passado naquele pequeno mundo demasiadamente tecnológico da lua Ganymede

fosse o que tinha me desviado do caminho. Mas não. O problema com certeza fora anterior. Interior.

*Nós nunca deveríamos ter vindo aqui, Sorento.*

Respirando fundo, ajeitei mais o lenço ao redor do cabelo e ajustei as luvas e as mangas da túnica para esconder as tatuagens enquanto procurava o caminho para os elevadores entre os pavimentos. Eu queria – precisava – me fazer invisível, antes que as pessoas percebessem o que eu era e decidissem perguntar se meu lugar era ali.

E não era mesmo. Por isso a pressa para encontrar o hangar correto da passagem exageradamente barata que eu tinha comprado. Barata do tipo que não olhava documentos, barata do tipo que uma arrabina sozinha conseguiria viajar sem ser a pessoa mais estranha a bordo.

Segui desajeitada, agarrando a alça de couro gasto da bolsa contendo os únicos pertences que eu ainda possuía no mundo. Todo o resto eu tinha vendido para conseguir comprar uma passagem rumo à galáxia de Andrômeda, onde eu esperava encontrar minha *mamika* e implorar por perdão.

Todo arrabina acaba fazendo a peregrinação em algum momento da vida, todo arrabina sabe que peregrinar é preciso. Os que desejam se fortalecer no caminho de Arrabinara, os que precisam de um favor da deusa ou os que precisam se reencontrar com ela. Quando feita em honra, a jornada apurava o dom e expandia o horizonte dos futuros visíveis. Quando feita em fé, a jornada revelava as verdades necessárias e agraciava os devotos sinceros. Quando feita em penitência, a jornada oferecia

uma tábua de salvação e expiava os pecados. Com sorte, com humildade, era possível até recuperar o dom perdido da clarividência.

Era essa a minha vergonha. O futuro havia me escapado e eu não podia culpar ninguém a não ser a mim mesma. Mas a peregrinação era a minha esperança, a única que restava. Depois que *ma-mika* me ensinasse como.

Fui descendo os pavimentos pelas plataformas flutuantes, ansiosa por me despedir de Ganymede e de todas as culpas pesando meus passos. Eu não me sentiria peregrinando até deixar aquela lua e todas as pessoas gananciosas que a habitavam. Era a minha segunda vez ali na estação, e eu esperava que fosse a última.

Quanto mais eu descia, mais nítido ficava o quão barata tinha sido a passagem comprada. As roupas dos passageiros ficavam mais simples e, aos poucos, os passageiros eram substituídos por trabalhadores e robôs de serviço, e então por gente que eu não saberia dizer o que fazia da vida – e talvez fosse melhor não saber.

Quando alcancei o pavimento indicado no bilhete, que não passava de um cartão magnético surrado com um código de acesso, dei um passo para fora da plataforma, mais insegura do que jamais havia me sentido. Tudo ali era esquisito, mal-iluminado e sujo.

Eu estava apostando tudo naquela jornada que parecia cada vez mais incerta.

“O destino caminha sobre incertezas... e as incertezas pisam em cima de você” era o que a

minha avó sempre dizia. Na verdade, a segunda parte era uma adição minha, mas *mamika* não precisava saber disso.

Ela não precisava saber da solidão que me acometeu ao encarar a plataforma imunda nem da minha vontade repentina de desistir. Ali embaixo, a estação espacial parecia a garganta faminta de uma criatura pronta para me devorar.

O pavimento tinha algumas tendas vendendo comidas gordurosas e itens tecnológicos de cuja utilidade eu não fazia ideia. À frente, uma plataforma comprida dava acesso a uma fileira de naves velhas. Quando comprei a passagem, eu sabia que estava prestes a viajar no transporte clandestino, mas sem minhas habilidades eu não tinha como saber se era a melhor escolha. Meu histórico dos últimos anos era apenas de escolhas ruins, então talvez eu devesse dar a volta e procurar outro caminho, tatear pela escuridão de uma vidente sem o dom.

*Mamika* tinha outra frase sobre isso.

Se estivesse aqui, minha avó daria aquele sorriso presunçoso, com a cabeça inclinada e as sobrancelhas grossas de taturana levantadas, falando “Tá ouvindo, Sarafina? O destino tateando num corredor escuro?” sem usar uma palavra sequer. Eu então ia suspirar. “Sim, *mamika*, tô ouvindo, mas não sei decifrar. E é por isso que estou cruzando o universo para ir até você, em vez de procurar mamãe.” As avós tendiam a ser mais benevolentes do que as mães, mais pacientes em apontar os erros.

Não que eu precisasse de uma matriarca pra me mostrar a situação duvidosa em que eu me

encontrava. Se havia coisa mais incerta no universo do que uma nave clandestina atravessando as rotas não comerciais intergalácticas, eu não sabia.

Fechei os olhos, fazendo a oração para a deusa.

*Abre caminho, Arrabinara.*

*Sopra o vento, Arrabinara.*

*Eu sigo a direção, Arrabinara.*

*Abre caminho, Arrabinara.*

*Revela a verdade, Arrabinara.*

*Eu aceito o chamado, Arrabinara.*

*Abre caminho, Arrabinara.*

*Julga o coração, Arrabinara.*

*Eu me ofereço, Arrabinara.*

Era hora de perseguir uma estrela, mesmo que não houvesse nenhuma à vista.

Dei o primeiro passo e hesitei por um instante, surpreendida pelo formigamento repentino das minhas tatuagens.

*Isso não acontecia desde...*

Não conseguia me lembrar nem seria capaz de insistir com a memória, porque fui atropelada por um carrinho de carga.

Um monte de caixas estanques e eu fomos ao chão. Brevemente vi um robô de serviço rolando também, logo antes de me deparar com o teto do pavimento com luzes falhando. Não era um bom presságio para o começo de uma jornada.

— Ah, não! Que bagunça! Mas o que...? Franca-mente, eu nem sei... Você está bem?

A voz chegou antes do rosto, e com o rosto veio a certeza de que eu estava seguindo um mau caminho. Ou o mau caminho estava me perseguindo. Eu não suportava mais lidar com engenheiros de Ganymede.



2.

## Respirar não é preciso

MERO

O tempo todo eu tentava pensar nas coisas boas que me aguardavam. Estava falhando, é claro, visto que a cada poucos minutos meus implantes biomecânicos me alertavam de que eu estava prendendo a respiração. E respirar era importante para seres humanos, sabe? Mesmo os alterados como eu.

Ansiedade e ilegalidade não combinavam.

Não que eu fosse um criminoso. Eu só estava... fingindo não saber de algumas normas de segurança. Por uma boa causa. A causa que mudaria a minha vida, que talvez até me ajudasse a ser menos ansioso.

Acionei o holograma a partir da placa digital implantada no meu braço. A propaganda do resort tinha imagens bonitas de drinques coloridos com guarda-chuvinhas que eu queria experimentar. Ia tomar um pra dar coragem, coisa que ia me faltando quanto mais adentrava os corredores da estação. Eu tinha informado minha nave de embarque ao robô de serviço e duvidava muito de que ele fosse errar o local, o que significava que a realidade do meu transporte era tão ruim quanto eu havia imaginado quando comprei a passagem

do agente de viagens com cara de quem não era um agente de viagens.

Além de ignorar normas de segurança de transporte de carga, eu estava economizando muito. O que era mais um jeito de dizer que também poderia ser enquadrado por mau uso da verba da universidade, se alguém descobrisse a minha escolha de modo de deslocamento.

A máquina me conduziu para um elevador circular panorâmico, o que me deu uma visão das naves atracadas.

Os cruzeiros com capacidade intergaláctica eram enormes, brilhantes... e caros. Os ônibus espaciais não tinham a mesma pompa, mas exalavam a segurança e a eficiência que se esperava de uma nave construída para levar pessoas cruzando galáxias. À medida que o elevador descia, pude observar melhor os cargueiros e as demais naves de serviço. Uma ou outra reconheci como sendo o produto das mentes geniais de Ganymede, o que trazia tanto um pouco mais de esperança quanto certa amargura.

Uma patente de nave espacial, ou mesmo de um motor que fosse, tinha o potencial de mudar a vida de uma pessoa. Um bom motor movido a alguma fonte de energia inesgotável e barata era o grande objetivo de todas as pesquisas, mesmo com tantos milênios desde a conquista do espaço sideral – e já não havia mais tantas possibilidades que não estivessem sob uma patente. Isso significaria créditos infinitos para uma nova invenção do tipo.

Eu não tinha ilusões sobre isso. Os SiRIs me bastavam, provavelmente – isso se a minha bagagem não fosse confiscada numa inspeção de segurança.

Desci por muitos níveis a mais e consegui ver as porções inferiores de todas as naves e observar a operação de carga e descarga. O pouco otimismo que eu tinha conseguido juntar foi abandonando meu corpo a cada nível. Cenários hipotéticos me assolaram contra a minha vontade.

*E se eu esqueci alguma coisa importante?*

*E se os SiRIs falharem na demonstração?*

*E se as minhas ideias não forem o bastante?*

Perguntas que viviam na minha cabeça desde sempre soavam mais altas enquanto eu atravessava corredores escuros, o que era basicamente o tempo todo. Aquela jornada era também para isso, para me livrar das catacumbas digitais de Ganymede.

Então, saímos do elevador, e eu a vi.

Na verdade, eu a atrolei.

Quer dizer, a minha bagagem a atropelou.

O robô de serviço começou a rodopiar e a emitir as desculpas-padrão em diversos idiomas. Aparentemente havia perdido um eixo de roda e tombado. As caixas estanques onde os SiRIs estavam armazenados se espalharam ao redor, se esparramando com o conteúdo de uma bolsa de aparência muito velha – couro gasto, me informou o leitor do olho biomecânico. E no centro da bagunça, estatelada no chão, uma

mulher usando uma túnica de mangas compridas e calças largas, com um lenço de tecido rústico cobrindo quase tudo dos cabelos, deixando apenas alguns fios pretos escaparem por cima do rosto abaixado. Eu conseguia vislumbrar apenas um nariz pontudo, levemente encurvado para baixo.

— Ah, não! Que bagunça! Mas o que...? Francamente, eu nem sei... Você está bem?

Ela se virou e eu parei de respirar. De novo.

O rosto tinha pele marrom-clara de feições jovens aparentemente sem modificações estéticas. Se o olho estivesse estimando sua idade corretamente, ela estava na casa dos vinte e oito anos. Quase uma trintona, como eu.

Mas talvez os implantes biomecânicos não estivessem funcionando muito bem, porque meu coração descompassou um pouco.

Sardas marrons espalhadas decoravam as bochechas como estrelas pontilhando o plano de fundo do universo. Logo abaixo do nariz adunco, lábios levemente ressecados estavam pressionados numa linha firme. E os olhos, emoldurados por sobrancelhas tão escuras quanto os cabelos, tinham a cor indefinida entre verde e azul e a intensidade de duas supernovas prestes a explodir.

Algo trágico e lindo naquele rosto silenciou todas as leituras biomecânicas, afastou meus problemas por um instante. E, antes que eu me desse conta, estendi a mão para ela.

— Está machucada? Posso ajudar em alguma coisa?

— Pode me ajudar ficando bem longe de mim, obrigada.

De testa franzida, ela se sentou e arquejou ao descobrir o caos de coisas espalhadas. Estatelado pelo tom de voz cortante, assisti como um idiota ela tentando catar uma série de pequenos objetos estranhos – relíquias metálicas dos últimos milênios terrestres, identificou o olho biomecânico solicitadamente. Algumas das coisas escorregavam de suas mãos enluvadas com apenas a ponta dos dedos para fora.

Algo embrulhado com um lenço rústico havia parado aos meus pés. Eu me abaixei para pegar, e fui mais uma vez surpreendido. Ela deu um tapa na minha mão.

— Não ouse tocar nisso!

Ainda de joelhos, a mulher se esticou e pegou o embrulho. A amarração do lenço se enganchou num desnível no chão da estação e o embrulho se desfez um pouco, deixando cair uma série de... *papéis?* Papéis, confirmou meu leitor. Vários, retangulares, do tamanho de um palmo, mais ou menos. *Quem usa papel ainda?*

— Olha, não sei o que aconteceu, mas eu posso te ajudar — insisti, a voz falhando um pouco na última palavra.

Mesmo se eu tivesse inclinação ao roubo, não teria condições de roubar nada daquelas coisas velhas enquanto meus circuitos pareciam entrar em choque direto com o descontrole das minhas partes orgânicas.

Meus estabilizadores corporais definitivamente estavam precisando de uma calibração. Não era

pra reagirem assim, por mais bonita e estranha que fosse aquela mulher. Ou talvez minha vida andasse tão sem graça nas catacumbas digitais que eu já não sabia mais interagir com seres humanos.

— Gente como *você* com certeza não pode.

Apesar de toda a agressividade incompreensível, eu não conseguia deixar de olhar para ela. Uma relíquia saída diretamente dos filmes antigos sobre a Terra havia saltado das telas e decidido entrar no meu caminho para ser grossa comigo e roubar meu ar – eu ainda não estava respirando direito, o caso era mesmo grave.

Minha boca grande e minha falta de tato estavam prestes a entrar em ação para me desculpar – pelo quê? – quando um assobio curto sobressaltou a nós dois.

— BATIDA ALFANDEGÁRIA — gritou uma voz vinda dos fundos da plataforma, e o caos se instalou.

Várias das pessoas de aparência escusa ao nosso redor, que estavam ignorando nosso pequeno acidente, reagiram ao aviso. Começaram a correr e a recolher mercadorias expostas. O som de diversos motores de naves ligando ao mesmo tempo causou um burburinho grave.

Uma nova voz, claramente aumentada por implantes de garganta, ressoou na plataforma.

— Os passageiros da *Barracuda* têm cinco minutos para embarcar. Não esperaremos nem devolveremos o dinheiro da passagem.

Ela e eu nos encaramos, surpresos. Foi a urgência dela que me trouxe de volta para a realidade.

Os SiRIs, as normas de segurança ignoradas, as caixas estanques espalhadas.

A mulher voltou a recolher seus papéis freneticamente, e lá fui eu empilhar de novo todas as caixas dos SiRIs na plataforma que o robô vinha empurrando para mim. O robô continuava girando no lugar, tombado, pedindo desculpas. Mesmo sentindo pena, precisei deixá-lo para trás. Gente corria pra todo lado, gritos vindos dos elevadores e das escadas de segurança começavam a nos alcançar. Não havia tempo e não havia nada a fazer senão correr.

Eu tinha cinco caixas, com dez SiRIs em cada. Uma, duas, três, quatro... a quinta estava aberta. Apavorado, fechei correndo e empurrei eu mesmo o carrinho, tentando lutar contra a ansiedade tomando conta, sofrendo com o esforço. *1, 2, 3, 4, 5...* comecei a contar, foi o tempo necessário para meus implantes injetarem os hormônios artificiais que dariam conta de impedir que meu corpo entrasse no modo pânico. A carga estava pesada. Eu me vi derrubando tudo de novo das formas mais idiotas possíveis, me vi sendo preso e tendo que explicar o que eram os SiRIs, me vi encurvado no meu laboratório nas catacumbas para sempre.

Um grunhido interrompeu os cenários hipotéticos. Virei a tempo de ver um grupo de garotos passar correndo e derrubar a mulher no chão de novo. Ela agarrou com força a bolsa de couro contra o corpo, se encolhendo para se proteger.

Ela tinha dito que não queria a minha ajuda, mas não consegui evitar. Empurrei o carrinho

de volta na direção dela e usei o volume das caixas como escudo.

— Vem!

Por um segundo interminável, ela me encarou surpresa e assustada, mas não tínhamos tempo. Não dei chance para ela me recusar daquela vez. Eu a puxei para ficar em pé e voltei a empurrar meu carrinho. Acionei o modo emergência dos meus implantes para não morrer com o esforço, o carrinho mais pesado a cada passo, a cada nova injeção de adrenalina artificial no sangue. Se ao final daquilo tudo eu conseguisse me livrar de Ganymede, eu precisava dar um jeito de melhorar minha aptidão física.

Então um par de mãos enluvadas surgiu ao lado das minhas na barra do carrinho.

Empurramos juntos, a bolsa de couro balançando entre nós e as caixas trepidando no carrinho.

— O guia me disse que o hangar da *Barracuda* é o último! Pra onde você vai? — perguntei ofegante.

— Pra lá também.

A plataforma parecia interminável, meu pavor lutando contra a lógica, me fazendo esquecer que não havia planos infinitos na nossa realidade dimensional. Em algum momento a gente ia chegar, precisava chegar, porque se não chegasse...

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8...

— CADA PASSAGEIRO FICARÁ RESPONSÁVEL PELA PRÓPRIA CARGA. ORGANIZAREMOS CABINES E ARMAZENAMENTO DEPOIS DA PARTIDA — disse a voz aumentada, bem mais próxima dessa vez.

— Ali! — gritou a mulher ao meu lado.

A nave realmente era a última do hangar, porque era enorme. Gigantesca. E pré-histórica. E tinha mesmo o formato que lembrava o de um peixe. O olho biomecânico disparou em leituras confusas, tentando datar as formas e os sistemas, mas não prestei atenção.

A tripulação da *Barracuda* sinalizava apressada por onde os passageiros deveriam entrar. Pessoas de diversas espécies corriam para dentro com sua bagagem, algumas empurravam carrinhos cheios como o meu. Os implantes saltaram do modo urgência para sobrevivência, o ar faltava de verdade nos pulmões, mas ver a salvação tão próxima ajudou a ignorar o corpo implorando por clemência.

Eu não precisava respirar, eu só precisava sair daquela vida ordinária e entrar na nave pré-histórica.



## ELES SÓ TINHAM UMA COISA EM COMUM: NENHUM DOS DOIS DEVERIA ESTAR NAQUELA NAVE.

◆

Sarafina é uma vidente e está fugindo de um erro que custou tudo – seu dom, seu rumo e a coragem de olhar para o futuro. Mero é um engenheiro tentando provar que ainda existe espaço para ideias novas, mesmo que isso signifique embarcar numa nave clandestina claramente prestes a dar problema. Nenhum deles esperava companhia. Muito menos um ao outro.

Quando a nave falha e fica à deriva em meio aos perigos do espaço, o acaso vira convivência forçada, a tensão vira conversa e a conversa vira algo mais perigoso: intimidade. Entre sistemas quebrados, crenças improváveis, caranguejos famintos, suculentas fluorescentes e decisões impulsivas, Sarafina e Mero descobrem que o maior risco daquela viagem não é ficarem presos no vazio... é se aproximarem demais.

◆

*Estrelas nascentes explodem no seu caminho* mistura ficção científica, humor e afeto para contar como, às vezes, o universo precisa dar muito errado para colocar duas pessoas exatamente onde elas precisam estar.

 Planeta



9 788542 242744

PRECIPADO PARA DIVULGAÇÃO VENDA